

REDE NOSSA SÃO PAULO

Este documento faz parte do
Repositório Digital da
Rede Nossa São Paulo

www.nossasaopaulo.org.br

Facebook, Youtube e G+: Rede Nossa São Paulo e
Programa Cidades Sustentáveis

Twitter: @nossasaopaulo @cidsustentaveis

São Paulo em 2022 : a cidade que queremos

MINUTA DE JORGE WILHEIM LADISLAU DOWBOR

O **Movimento Nossa São Paulo** inicia uma **nova tarefa**: a investigação e debate sobre o que poderia vir a ser a cidade e a região urbanizada de São Paulo em um futuro de médio prazo. Como em qualquer tarefa, devemos inicialmente responder as seguintes perguntas:

- O que ? Do que se trata ? Qual a meta da tarefa ?
- Como ? Qual o processo a seguir para alcançar tais metas ?
- Quando ? Qual o cronograma desse processo?
- Quem? Quem será responsável pela condução? Qual o grupo que assume a tarefa? Com que público contar?
- Quanto ? Qual o orçamento para execução da tarefa e qual o cronograma de custeio e da receita ? Quem poderia vir a patrocinar financeiramente a tarefa ?

O QUE ?

Como dizia o filósofo Kierkegaard, “*Para entender a vida devemos olhar para trás, para as raízes; mas para viver a vida devemos olhar para a frente, isto é, para o que não existe*”. Investigar o futuro corresponde a lançar hipóteses e alternativas que permitam ir construindo o cenário considerado desejável.

A arte contemporânea e diversos autores literários e científicos tem se debruçado sobre o futuro da humanidade; no cinema e na literatura, frequentemente sob a forma de *distopias*, isto é de futuros catastróficos; raras são as *utopias*, a visão de mundos perfeitos que ainda não existem em lugar algum. Em ambos os casos, para este tipo de especulações o futuro e’ um tempo distante, daqui a 50 ou 100 anos no mínimo. Um tempo por demais distante e sujeito a desvios, um prazo que dificulta planejar.

Pois planejar não significa apenas prever; e, sim, também estabelecer uma possibilidade de futuro que seja desejável e que possamos ir construindo. Por isso adotamos para esta tarefa um horizonte de médio prazo, suficiente para o desempenho de políticas e planos, nem tão próximo que se confunda com o mero atendimento de demandas atuais; nem tão afastado que torne imprecisa a visão de futuro. Escolhemos a data de **2022 como ano meta** para esta investigação e debate.

O ano de 2022

O bi-centenário da independência do Brasil, além de constituir um horizonte de médio prazo conveniente, nos permite debater o que venha a ser a independência nacional no século XXI; ou, em outros termos, qual o alcance e os limites da autonomia no ambiente da globalização; ou, ainda, quais os nossos caminhos, nacionais e locais, em um mundo globalizado em que a economia de mercado, hoje sujeita a grave crise, busca reestruturar sua forma de operar, fenômeno este que deverá durar alguns anos. Com efeito, a carência e natureza de recursos energéticos, os riscos ao ambiente, a garantia de trabalho, a justiça social, estão todas em questão, de forma dramática, exigindo mudanças e transformações a fim de garantir a própria sobrevivência da civilização. Em 2022 estaremos provavelmente vivendo em um mundo diferente...

Este tipo de questionamentos, tendo por pretexto a comemoração de mais um centenário de independência nacional, já está sendo iniciado nos demais países da América Latina, por iniciativa da Newschool de Nova York e da Universidade de Buenos Aires. Contudo, para todas as ex-colônias espanholas, a data da comemoração é mais próxima, pois conquistaram sua independência nos anos de 1810 e 1812.

A cidade de São Paulo e sua região macrometropolitana, hoje com mais de 20 milhões de habitantes, é indubitavelmente uma das grandes cidades globais, um daqueles **aglomerados que se vincula com as economias e as atividades criativas do mundo** fazendo parte ativa da rede sem cuja interação já não se sobrevive. Ao investigar e debater a nova e futura configuração de seu papel em uma nação independente, estaremos questionando na

realidade qual a melhor forma de vinculação desejável com o resto do mundo, quais os instrumentos e processos de solidariedade civilizatória com os povos do mundo, qual a responsabilidade de São Paulo com o planeta.

Em conclusão, a resposta ao quesito “*o que ?*” da nova tarefa, pode então ser sintetizada da seguinte forma: buscar a resposta que expresse **como desejaríamos que o aglomerado urbano de São Paulo fosse no ano de 2022, quando comemoraremos, no ambiente da globalização, o bicentenário da independência do Brasil .**

Visão Setorial e Eixos Críticos

Temos o problema central da **lógica municipal e da lógica metropolitana**. Acho que o teu primeiro ponto (a) sobre o trabalho, produção, consumo e reciclagem deverá apontar para uma dimensão supra-municipal, e acho que será inevitável incluir os fluxos tanto das cidades-dormitórios, como do deslocamento dos eixos produtivos tradicionais (indústria indo para as pontas da cruz, por exemplo – no duplo sentido norte-sul e leste-oeste), o que muda o perfil produtivo de São Paulo municipal, mas também o papel do Grande ABC. Este reordenamento territorial deverá entrar inevitavelmente na análise, sem isto não se entende os processos estruturais de transformação. Eu trabalharia esta tensão entre o municipal e o metropolitano definindo um foco principal no município, mas abrindo as fronteiras a cada vez que o processo estudado o exige, para a compreensão da dinâmica.

Temos igualmente a tensão entre a **visão setorial e a visão dos eixos críticos**. Olhando os grupos de trabalho e os teus 12 pontos (imagino já incorporada a dimensão organização do tempo) os teus pontos são mais abertos para a visão “por problemas”, e permitem incorporar as diversas visões. A minha proposta seria de manter os teus pontos, e incorporar uma nota metodológica – coisa que não precisa fazer parte dos termos de referência – de como cada ponto se relaciona com o objetivo da tua “conclusão”: qual a qualidade de vida desejável para todos em 2022? Os eixos críticos são claramente a desigualdade (nas suas diversas manifestações, mas particularmente a formação das imensas periferias miseráveis), a exclusão produtiva (gigantesca informalidade), a juventude (27% jovens fora da escola e do trabalho), a destruição ambiental (desde rios-esgotos até opção individual de

transportes), o empobrecimento cultural (sempre subestimado e tão importante), a consequente insegurança.

Tópicos de investigação e debate

Após a definição do **âmbito geográfico** do estudo, um **capítulo introdutório** seria dedicado á atual crise financeira e econômica apontando para as suas prováveis consequências a médio prazo. Este tópico levaria em consideração, entre outros, o recente documento “*Brasil em três tempos*” produzido pelo Núcleo de Ação Estratégica do Governo Federal e que aborda três horizontes temporais: 2014, 2019 e 2022. Depois do que seriam abordadas as respostas para as seguintes perguntas: **Para o ano meta de 2022, como desejaríamos que em São Paulo fosse :**

- (a) O trabalho, a produção, o consumo e a reciclagem de produtos
- (b) A justiça social e a segurança dos cidadãos
- © A apropriação e uso do solo e sua gestão
- (d) A mobilidade e a comunicação
- (e) O ambiente, o saneamento e o uso saudável dos espaços públicos
- (f) A produção, rede e consumo de energia e combustível
- (g) A produção, distribuição e consumo dos alimentos
- (h) A vida espiritual , o patrimônio e a cultura
- (i) A tecnologia apropriada e o desenvolvimento científico

(j) O conhecimento e os processos de sua construção

(k) A gestão pública, a representação democrática e o exercício da política

l) o uso do tempo (a periferia que levanta às quatro e meia, o tempo de deslocamentos, o tempo de lazer etc. É o nosso principal recurso não renovável)

Em conclusão: qual a qualidade de vida desejável para todos em 2022 ?

COMO ?

Qual o processo a ser adotado para investigar e debater os tópicos acima ? Propõe-se que, inicialmente, para cada tópico e também para o tópico introdutório que aborda as possíveis consequências da crise financeira e econômica atual, seja proposta a formação de um **grupo de trabalho** e seja elaborado, de forma direta ou indireta, um breve **documento básico**, em que se localizem as alternativas de transformações previsíveis para o período que se encerra em 2022. Este documento seria informativo, com mais perguntas do que respostas, objetiva delimitar o campo e a complexidade da tarefa. O conjunto desses “*papers*” teria uma edição limitada, a ser utilizada como provocação intelectual por meio da mídia e dos meios acadêmicos e profissionais.

A seguir, após a distribuição desse documento básico, seria convocado **um painel temático público para cada tópico**, composto por um mediador e quatro especialistas, os quais opinariam sobre as perspectivas levantadas pelo documento básico e colocariam em debate a sua visão do tema. Após o debate os panelistas entregariam um texto de sinopse de suas posições manifestadas durante o painel.

A terceira etapa consistiria da edição de um documento preliminar subordinado ao título “**São Paulo em 2022**” por uma equipe de redação. Este documento preliminar integraria os resultados dos painéis por tópicos, em uma única visão sintética e integrada.

O Movimento convocaria então uma **Conferência** dedicada ao tema “**São Paulo em 2022, a cidade que queremos**” . Nela um painel apresentaria em síntese o documento preliminar acima mencionado, como base de debate público, procurando-se captar os pontos de vista dos mais diversos participantes; reuniões prévias á Conferencia, captariam opiniões de forma descentralizada., trazendo-as para o plenário da Conferencia.

Como quinta etapa seria publicado um **livro** contendo a versão final do tema da Conferencia, com os devidos créditos e informações em sua forma definitiva. Além de sua forma impressa, haveria uma edição eletrônica e, eventualmente, uma síntese sob formato de DVD. Durante todo o processo estaria aberto um site ou outra forma eletrônica, a fim de captar opiniões e propostas.

Adicionalmente, temos um roteiro para uma peça de comunicação que expressaria visualmente, através de um filme, a cidade que temos e a cidade que teremos.

QUANDO ?

A tarefa poderia ser efetivada em dois anos. Contudo há que pensar no forte contingenciamento da realização das eleições nacionais e estaduais em Outubro de 2010 , devendo as respectivas campanhas terem início, formalmente, lá por Julho de 2010.

Os grupos de trabalho poderiam ser formados durante o mês de Março de 2009 e o *paper* delimitando o campo das questões a debater poderia ser concluído até fins de Abril 09. A série de painéis públicos temáticos poderiam ser realizados durante os meses de Junho e Julho 09 . A redação do documento preliminar “*São Paulo em 2022*” seria redigido em Agosto, Setembro e Outubro e impresso até fins de Novembro. A Conferência seria convocada para o final do mês de Março 2010. Após debates complementares públicos, o livro “*São Paulo em 2022, a cidade que queremos*” seria lançado em Junho de 2010, pouco antes do início dos debates eleitorais.

QUEM ?

Além dos membros espontâneos de cada grupo de trabalho dedicado a esta tarefa, deverá haver um responsável, eleito entre os pares. Especialistas serão convidados para cada painel, devendo entregar um texto de sinopse, após a realização de seu painel. Algumas instituições, públicas ou privadas, como a EMLASA, deveriam ser mobilizadas para o fornecimento de dados e a participação de servidores. A administração deverá ser aparelhada para a organização dos painéis temáticos e posteriormente para a realização da Conferência; embora esta possa também contar com pessoal especializado em eventos, privado ou público. Para a redação do texto preliminar (“*São Paulo em 2022*”) deverá ser montada uma equipe de redação, sob a orientação de um responsável. Para a Conferência poder-se-ia convidar alguns especialistas estrangeiros e de outras cidades brasileiras, para participarem dos debates mais gerais ou conceituais, além de especialistas e de representantes de grupos de opinião ou de interesses coletivos. Para a redação do livro (“*São Paulo em 2022, a cidade que queremos*”) será constituída uma equipe de redação, conduzida por um responsável.

Conviria que para a condução da tarefa seja constituído uma direção responsável, a qual prestará contas ao Colegiado do Movimento.

QUANTO ?

Além do custeio administrativo, dever-se-ão considerar na composição do orçamento, os seguintes tópicos:

- Pro-labore da equipe condutora das tarefas
- Pro-labore dos consultores para o preparo dos paper iniciais
- Pro-labore da redação e revisão da publicação preliminar e do livro final
- Locação e serviços referentes ao espaço para as reuniões de seminários
- Pro-labore para serviços de divulgação e relações públicas

O orçamento mais preciso deverá ainda ser calculado. Deve ser possível reunir um grupo restrito de empresas ou empresários para a cobertura dessas despesas.

UMA VISÃO CINEMATOGRAFICA

Numa visão cinematográfica podemos ter um subproduto visual diferenciado com os encadeamentos seguintes: (Ladislau escreveu um roteiro, pensando na utilização de todo o potencial atual do google-earth e do zoom-in zoom-out):

1) A **estruturação territorial que herdamos**: as grandes imagens do território, o peso do café, São Paulo Railway, concentração de infraestruturas (telégrafo, bancos), a lógica industrial (ABC e outros), e o processo de reconversão em curso: economia de serviços, papel das TICs, migração industrial, formação da cruz (Campinas-Santos, Taubaté-São José), gigantescas periferias herdadas. A tipologia territorial (áreas-produção, áreas dormitório, ilhas residências de luxo, eixos de trânsito). É a matéria prima da nossa qualidade de vida. O que herdamos...

2) A **lógica dos grandes fluxos**: os fluxos de pessoas, de mercadorias, de água, de esgoto, de resíduos sólidos, de energia. Isto deve mostrar para as pessoas que assistem/leem, as dinâmicas que regem a cidade. Por exemplo quando se mostra em visão aérea o sistema de córregos, e a sua convergência para a bacia hidrográfica, fica claro como a canalização dos córregos e riachos gerou um sistema de escorregadores acelerados de água, que tornam a calha do Tieté insuficiente, o que por sua vez gerou contratos de desassoreamento e de construção de piscinões gerando uma das faces dos problemas ambientais, inundações etc., o que por sua vez vai impactar os sistemas de transportes. Os esgotos permitem tanto mostrar a poluição a juzante, como os dramas de abastecimento de água (situação Billings e Guarapiranga), como os dramas do adensamento demográfico extremo (na beira de córrego é mais barato etc.) Assim a lógica dos fluxos permite entender as outras dinâmicas, inclusive a da desigualdade e a do drama ambiental. Cada fluxo fecha com a dimensão propositiva 2022, no caso acima a contenção de enconstas, resgate da permeabilidade do solo (quintais, calçadas etc.), um Tieté limpo, lazer etc...Como os espaços podem ser articulados de forma mais inteligente...

3) Tecnologia, informação, conhecimento - o deslocamento dos processos produtivos:

as novas tecnologias, os fluxos de conhecimento/informação que substituem/complementam gradualmente os fluxos de transporte físico. Mais trabalho em casa conectado na rede, maior densidade de conhecimento na produção de valor, mudança da lógica da organização territorial, potencial de reequilíbrio. A volta da economia local. Potencial do *wi-fi* urbano e semelhantes. É a lógica estruturadora do conhecimento, a democratização do acesso. Inserção na dinâmica informacional planetária. Aproximar os processos produtivos da qualidade de vida. Como trabalhamos...

4) A dinâmica das políticas sociais:

as políticas sociais (habitação, educação, saúde, lazer, cultura, esporte, segurança) estão assumindo o principal papel tanto empregador como estruturador social. Saúde não se coloca em container nem em prateleira de supermercado: são sistemas que exigem capilaridade, descentralização, construção de capital social. Eixo principal a ultrapassar: serviços ricos para ricos, serviços pobres para pobres. É um eixo que aponta para o impacto concreto de dinâmicas participativas e descentralizadas. Vetor central dos direitos humanos. Uma vida com saúde, cultura, lazer...é o que queremos da vida. Como moramos, no sentido integrado...

5) O potencial cultural da cidade:

os bairros italianos, os bairros judeus, os bairros espanhóis, a presença dos árabes, dos pernambucanos, dos gaúchos, dos alemães. O potencial da diversidade cultural no resgate da riqueza do convívio urbano. Toronto, no Canadá, também pluricultural, tem uma semana grega, outra nigeriana e assim por diante: as ruas se enchem de músicas, comidas e danças típicas, além de artesanato e conversas, concentrados nos bairros de maior presença. O resgate do convívio social, a rearticulação do tecido social é vital. É um grande potencial, bairro por bairro. O cruzamento com as novas tecnologias torna esses espaços abertos e interativos. Estamos numa cidade em que no feriado migram vários milhões de pessoas por estradas entulhadas para o interior, as praias...Como aproveitamos o tempo....

6) O desafio da gestão:

administrar 10 milhões de habitantes, em interação permanente com mais 10...As realidades das subprefeituras, do tamanho de uma grande cidade cada

uma, a visão de um sistema muito mais multicêntrico, com maior capacidade interna de suprir ao essencial. A inexistência de uma coordenação metropolitana, a frágil capilaridade administrativa, o cidadão desinformado sobre a sua própria cidade, o surrealismo das crianças que madrugam para frequentar escolas distantes. A visão de uma cidade democrática, o resgate do espaço “de a pé”. Como nos administramos...

7) As metas da cidade: último capítulo, resumindo os principais eixos de avanço, com uso alternado de gráficos e de imagens correspondentes: na linha dos 34 indicadores chave, ou alguns eixos escolhidos. Os indicadores convergem para a qualidade de vida. Isto se traduz em propostas de indicadores intermediários desde já. O futuro começa agora, ou não chega. Por onde caminhamos...